

A Marginalização Histórica da Tradição Manuscrita em África

The Historical Marginalization of the Manuscript Tradition in Africa

Tarcísio Afonso Tchivole¹

Lúcio Álvaro Marques²

Resumo: O artigo investiga a tradição manuscrita na África Subsaariana, com foco no período entre os séculos XIII e XX. Ele examina a rica herança intelectual documentada em diversos acervos dentro e fora do continente, destacando a estigmatização e marginalização dessa tradição. A análise abrange a diversidade linguística e cultural dos manuscritos, bem como os desafios metodológicos enfrentados pelos pesquisadores ao estudá-los. Além disso, o artigo apresenta um panorama das diferentes regiões da África Subsaariana, revelando lacunas de conhecimento e desafios na compreensão da tradição manuscrita do continente. A hipótese que guia esta leitura é que a marginalização histórica da tradição manuscrita na África Subsaariana gerou desafios metodológicos para os pesquisadores. A investigação busca, portanto, compreender e valorizar essa significativa herança cultural e intelectual.

Palavras-chave: Manuscritos, África Subsaariana, colonialismo, independências, método.

Abstract: The article investigates the manuscript tradition in Sub-Saharan Africa, focusing on the period between the 13th and 20th centuries. It examines the rich intellectual heritage documented in various collections within and outside the continent, highlighting the stigmatization and marginalization of this tradition. The analysis covers the linguistic and cultural diversity of the manuscripts, as well as the methodological challenges faced by researchers in studying them. Additionally, the article provides an overview of the different regions of Sub-Saharan Africa, revealing gaps in knowledge and challenges in understanding the manuscript tradition of the continent. The hypothesis guiding this reading is that the historical marginalization of the manuscript tradition in Sub-Saharan Africa has generated methodological challenges for researchers. The research therefore seeks to understand and value this significant cultural and intellectual heritage.

Keywords: Manuscripts, Sub-Saharan Africa, colonialism, independence, method.

¹Licenciado em Filosofia, Teologia e Comunicação Social no Tangaza University, Nairobi-Quênia; Mestre em Políticas e Relações Internacionais pela FCSH-NOVA de Lisboa; Doutorando em Educação no PPGE / UFTM. Bolsista apoiado pela FAPEMIG. Membro do Grupo de Pesquisa Filosofia & *Scripta Brasiliana* e Integrante do GT Pensamento Filosófico Brasileiro da ANPOF. <https://orcid.org/0000-0002-5008-5511>. Contato institucional: d202220666@uftm.edu.br

² Professor na Universidade Federal do Triângulo Mineiro (UFTM) <https://orcid.org/0000-0002-7571-0977>. Membro do Departamento e do Laboratório de Filosofia e Ciências Sociais (DFICS & LAFICS). Coordenador do grupo de pesquisa *Studia Brasiliensia* (CNPq) e da Série *Scripta Brasiliana*, publicada pela Fundação Alexandre de Gusmão (FUNAG), órgão vinculado ao Ministério das Relações Exteriores, Brasil. lucio.marques@uftm.edu.br

Introdução

A tradição manuscrita na África Subsaariana representa uma parcela substancial e muitas vezes subestimada do patrimônio cultural do continente. Este artigo explorará a tradição manuscrita, com foco no período entre os séculos XIII e XX, ressaltando sua relevância intelectual e cultural, bem como os desafios metodológicos enfrentados pelos acadêmicos ao investigá-la.

A literatura existente revela uma herança intelectual abundante, documentada em diversas coleções dentro e fora da África, abordando uma gama variada de temas, como tratados, poemas, documentos legais e históricos. No entanto, de acordo com Mauro Nobili³, apesar dessa opulência, a tradição manuscrita tem sido frequentemente estigmatizada e marginalizada, tanto internamente quanto externamente ao continente.

Este artigo não apenas visa destacar a importância da tradição manuscrita na África, mas também abordar os desafios metodológicos enfrentados pelos pesquisadores ao estudá-la. A dispersão dos manuscritos, a diversidade linguística e a falta de investimento na preservação e tradução desses materiais são apenas algumas das barreiras que dificultam uma compreensão abrangente da tradição manuscrita na África. Na primeira parte, examinaremos a literatura subsaariana; na segunda, discutiremos os manuscritos como uma questão epistemológica; na terceira, abordaremos os manuscritos como um desafio metodológico; e, por fim, na última parte, apresentaremos uma radiografia da tradição manuscrita em África.

Ao examinar diferentes regiões da África Subsaariana, almejamos oferecer uma visão panorâmica dessa tradição, destacando sua diversidade e complexidade. No entanto, reconhecemos que ainda existem lacunas significativas de conhecimento e desafios a serem superados para uma compreensão mais completa e precisa da tradição manuscrita do continente.

1. A literatura subsaariana

³ NOBILI, Mauro. Manuscript culture of West Africa. Part 1: The disqualification of a heritage. *Comparative Oriental Manuscript Studies Newsletter* 2, Università degli studi di Napoli “L’Orientale”, 21–24, (July), 2011. Disponível em: <http://doi.org/10.25592/uhhfdm.489>. Acesso em: 10 de março de 2024.
Espaço Plural • Vol.20 • Nº41 • 2ºSemestre 2024 • p.237-260 • ISSN1981-478X

A literatura existente sobre a tradição manuscrita na África Subsaariana antes da colonização europeia tem trazido à luz evidências incontestáveis de uma rica herança intelectual, hoje documentada em diversos acervos dentro e fora do continente. No entanto, apesar dessa legitimidade, ela é frequentemente estigmatizada e marginalizada tanto dentro quanto fora da África, como mostrou Nobili em *Cultura dos Manuscritos da África Ocidental. Parte 1: A Desqualificação de um Patrimônio* (2011).

Como argumenta Nobili, baseado na esteira do pensamento de Constant Hamès⁴, a estigmatização, marginalização e, podemos dizer, periferização que resultam na desqualificação da história intelectual da África Subsaariana naquele período são, segundo o autor, consequências tanto dos “estudiosos do Islã” quanto dos “africanistas”. Esses pesquisadores, que poderiam ter sido atraídos pela rica tradição manuscrita da África Ocidental, enxergaram esse patrimônio cultural como algo alheio. Os primeiros justificam seu distanciamento pela percepção de que essa região se situava fora do “verdadeiro” mundo islâmico. Já os últimos alegam que “o Islã e seus manuscritos não podem ser considerados senão como um elemento estrangeiro, um intruso”.

Não obstante, há evidências da existência de uma tradição manuscrita na África Subsaariana que encontramos nos escritos de pensadores como John O. Hunwick & O’Fahey⁵ e Hunwick⁶, oferecendo uma análise abrangente das escritas da África Ocidental, Oriental e Central, respectivamente. Eles destacam a importância da tradição literária árabe e em literatura de línguas locais da região, como o Ajami, especialmente o Fulfulde e o Hausa.

Mais que isso, Dmitry Bondarev⁷ é ainda mais detalhista apresentando as

⁴ HAMÈS, Constant. “Les manuscrits arabo-africains: des particularités ?” *Revue des mondes musulmans et de la Méditerranée* 99–100 [special issue La tradition manuscrite en écriture arabe, ed. Genevieve Humbert], 2002. Apud NOBILI, Mauro. *Manuscript culture of West Africa. Part 1: The disqualification of a heritage. Comparative Oriental Manuscript Studies Newsletter*, Università degli studi di Napoli “L’Orientale” 2, 21–24, (July), 2011, p. 24. Disponível em: <http://doi.org/10.25592/uhhfdm.489>. Acesso em: 10 de março de 2024.

⁵ Cfr. HUNWICK, J.O.; O’FAHEY, R.S. (eds.). *Arabic literature of Africa. v. 1. The writings of eastern Sudanic Africa to c. 1900*. Leiden: E.J. Brill, 1994 & HUNWICK, J.O.; O’FAHEY, R.S. (eds.). *Arabic literature of Africa: Volume II: The Writings of Central Sudanic Africa*. Leiden: E.J. Brill, 1995.

⁶ Cfr. HUNWICK, John O. (Ed.). *Arabic Literature of Africa: Volume IV. The Writings of Western Sudanic Africa*. Leiden, Boston: Brill, 2003.

⁷ BONDAREV, D. The Nigerian Qur’anic Manuscript Project: retrieving a unique resource on the Kanuri language and culture. *African Research and Documentation*, 5, 629. 10 Pages. SCOLMA. 2007, p. 65. Acesso Espaço Plural • Vol.20 • Nº41 • 2ºSemestre 2024 • p.237-260 • ISSN1981-478X

tradições manuscritas como o Ge'ez, Kishahili, Hausa, Fula(ni), Fulfulde, Marding (Mandenkan, Bambara, Dyula, Mandinka), Wolof, Asante (Akan), Songay. Elas são encontradas em vários países africanos, além dos manuscritos árabes. Por sua vez, Saki Mafundikwa⁸ faz uma pauta dessa tradição manuscrita traçando uma quase genealogia da história da escrita em África, ou seja, traça um percurso sobre a origem dos sistemas de escrita africanos, começando pelos Pictographs e Symbols; Arte Rupestre do Povo San; Dispositivos Mnemônicos (cordas amarradas: Akon dos Yoruba; Tally Sticks: o Osso de Ishango); Sistemas de Símbolos Akan: Pesos de Ouro Akan, Símbolos Adinkra; Escrita de Símbolos Bantu: Pintores Ndebele; Alfabeto Tifinagh dos Tuaregues. Alfabéticos Históricos Africanos: Etíope; Os Silabários Mande: Vai, Mande (Ki Ka Ku), Bambara (Ma Sa Ba), Loma, Kpelle; Shu-mom: o Silabário Bamum; Nsibidi. Alfabetos da Diáspora: Anaforuana, Djuka, Script Bassa Vah. Alfabetos Africanos Contemporâneos: Script Somali; Novos Sistemas de Escrita da África Ocidental: Wolof, Manenka, Fula, Fula Dita, Script Bete, Gola N'ko, Estudantes ZIVA. Além disso, conforme indicado por Zulfikar Hirji⁹, essa tradição escrita manuscrita estendeu-se por toda a África Oriental Costeira, também conhecida como Costa do Swahili, desde o Sul da Somália até o norte de Moçambique, incluindo ilhas como Zanzibar, Comores e Madagascar, desde o século VIII d.C.

Outros pronunciamentos de estudiosos, conforme aborda Nmi Goolam, reforçam a vitalidade dessa prolífica atividade intelectual na África Subsaariana desde o período anterior a colonização como é o caso da “coleção de manuscritos – que alguns historiadores consideram uma das descobertas de manuscritos mais importantes do século XX – inclui tratados, poemas, cartas, documentos legais e histórias”¹⁰. Um acervo em Timbuktu é apontado como possuindo mais de 700.000

em:

https://www.academia.edu/715695/The_Nigerian_Quranic_Manuscript_Project_retrieving_a_unique_resource_on_the_Kanuri_language_and_culture. Acesso em: 5 de abril de 2024.

⁸ MAFUNDIKWA, S. *Afrikan Alphabets: The story of writing in Afrika*. University of Michigan, Mark Batty Publisher, 2004.

⁹ HIRJI, Zulfikar A. The Faza Qur'an: Three Nineteenth-Century Illuminated Manuscripts from Coastal East Africa. *Journal of Qur'anic Studies*, v. 24, n. 2, p. 21-47, 2022. Edinburgh University Press. DOI: 10.3366/jqs.2022.0503. Disponível em: www.eupublishing.com/jqs. Acesso em: 5 de maio de 2024.

¹⁰ GOOLAM, Nmi. The Timbuktu manuscripts: rediscovering a written source of African law in the era of the African renaissance. *Fundamina*, v. 12, n. 2, p. 31-50, 2006, p. 39. Disponível em: <http://hdl.handle.net/10500/3686>. Acesso em: 5 de abril de 2024.

Espaço Plural • Vol.20 • Nº41 • 2ºSemestre 2024 • p.237-260 • ISSN1981-478X

manuscritos. Em relação a essas evidências, Goolam diz:

Até o momento, foram descobertos cerca de 700.000 manuscritos, sendo o mais antigo datado de 1204. Esses manuscritos, escritos em árabe, abrangem uma ampla variedade de temas, incluindo matemática, astronomia, medicina, literatura, filosofia, direito, linguística e música. Eles se apresentam na forma de tratados, cartas, poemas e documentos legais (Tradução nossa)¹¹.

Ora, a partir da redescoberta dos manuscritos de Timbuktu, a historiografia africana tem passado por uma transformação significativa, quanto à tradição escrita da África Subsaariana, reconhecendo sua importância no contexto da história intelectual e das ideias para essa geografia do mundo, antes vista como lugar do “ubi sunt leones” por conta da aludida ausência de uma história escrita. Além disso, esse levantamento da presença de manuscritos hoje já contempla a República Democrática do Congo que desde o século XIX, como observado por Xavier Luffin¹², revela uma rica tradição escrita na região. Esses manuscritos fornecem compreensões valiosas sobre a vida cotidiana, as práticas religiosas e as interações comerciais das comunidades locais.

Diante desse contexto, identificam-se pelo menos oitenta tradições de escrita indígenas africanas (Ajami), que constituem uma ampla tradição documentada de escrita em todo o continente, conforme demonstrado por Meikal Mumin & Kees Versteegh¹³. A distribuição geográfica do uso do alfabeto árabe na África revela uma ampla disseminação em todas as regiões do continente, com uso significativo na zona Ocidental (30) e Oriental (30) da África, um uso mais pronunciado no Norte (9) e Sul (7) da África, e um uso menos expressivo na África Central (4). Seguindo essa mesma linha de raciocínio, observa-se que, ante esses números expressivos e da geografia da tradição manuscrita, a noção de que a África era um continente sem escrita deve ser revista. Logo, a afirmação de que a África tem uma história apesar da ausência de fontes escritas ainda parece ser

¹¹ GOOLAM, Nmi. The Timbuktu manuscripts: rediscovering a written source of African law in the era of the African renaissance. *Fundamina*, v. 12, n. 2, p. 31-50, 2006, p. 43. Disponível em: <http://hdl.handle.net/10500/3686>. Acesso em: 5 de abril de 2024.

¹² LUFFIN, Xavier. Arabic and Swahili documents from the pre-colonial Congo and the EIC (Congo Free State, 1885-1908): Who were the scribes? [online]. *ResearchGate*, September 2017. Disponível em: <https://www.researchgate.net>. Acesso: 4 de março de 2024.

¹³ MUMIN, Meikal; VERSTEEGH, Kees (Eds.). *The Arabic script in Africa: studies in the use of a writing system*. Leiden, The Netherlands: Koninklijke Brill NV, 2014, pp. 44-46.

mais enviesada que o resto. A África não é um continente sem escrita, mas sim um território carente de estudos sobre sua escrita.

Diante dessa perspectiva, reconhecemos a necessidade de explorar os questionamentos acerca dos diversos enfoques epistemológicos que podem enriquecer a compreensão da realidade da tradição manuscrita na África Subsaariana. Retomando o enunciado de Mauro Nobili¹⁴, por um lado, observamos a realidade que marca essa marginalização e estranheza em relação à tradição manuscrita. Por outro lado, é imperativo preservar sua existência como uma marca na história intelectual de um povo que não se define só pela oralidade, mas também por seu registro ancestral escrito.

2. Os Manuscritos como questão epistemológica

A análise da tradição manuscrita africana, especialmente na região Subsaariana, requer uma consideração epistemológica meticulosa. Esta análise, embora breve, baseia-se na necessidade de compreender os manuscritos não apenas como artefatos físicos, mas também como portais para as cosmologias, filosofias e práticas sociais das culturas que os produziram. Assim, uma reflexão aprofundada sobre os manuscritos subsaarianos supõe a desconstrução de premissas preconcebidas que tradicionalmente marginalizaram e periferizaram as formas de conhecimento africano. Essas premissas frequentemente categorizam erroneamente esses conhecimentos como meramente orais ou pré-literários, ao passo que são negligenciados e desapropriados como resultado cultural e histórico dos africanos desta região do continente.

Nesse sentido, em relação a essa questão, enquadraremos as abordagens epistêmicas do reconhecimento e da legitimidade da tradição manuscrita da África Subsaariana dentro de duas perspectivas distintas: os Estudos Orientalistas-Islâmicos e os Estudos Africanos. Uma análise inicial revela uma rejeição da tradição manuscrita, como apontado por Mauro Nobili¹⁵, tanto pela Escola

¹⁴ NOBILI, Mauro. Manuscript culture of West Africa. Part 1: The disqualification of a heritage. *Comparative Oriental Manuscript Studies Newsletter* 2, Università degli studi di Napoli “L’Orientale”, 21–24, (July), 2011. Disponível em: <http://doi.org/10.25592/uhhfdm.489>. Acesso em: 10 de março de 2024

¹⁵ NOBILI, Mauro. Manuscript culture of West Africa. Part 1: The disqualification of a heritage. *Comparative Oriental Manuscript Studies Newsletter* 2, Università degli studi di Napoli “L’Orientale”, 21–24, (July), 2011. Espaço Plural • Vol.20 • Nº41 • 2ºSemestre 2024 • p.237-260 • ISSN1981-478X

Orientalista dos Estudos Islâmicos quanto pelos Africanistas dos Estudos Africanos. Em nenhum momento houve questionamento sobre o valor intelectual do conteúdo produzido durante o período anterior a colonização da África; infere-se, por isso, uma preocupação meramente geográfica. Conforme a ilustração desse autor, recorrendo a várias referências em seu texto, incluindo Bausani; Hamès; Harrison e Reese, argumenta o seguinte:

De acordo com o Orientalista Italiano Alessandro Bausani, que critica essa abordagem, na produção acadêmica ocidental tem havido uma tendência em hierarquizar o mundo muçulmano, dividindo-o em uma suposta "terra-mãe" e algumas "áreas periféricas", como Ásia Central e Sudeste, bem como Magrebe e África subsaariana. Nessas "áreas marginais", o Islã apresentaria assim chamadas "vestígios pagãos", ou seja, crenças locais que sobreviveram à islamização e entraram no Islã, transformando-o em algo estranho à sua suposta "natureza autêntica". Este é o paradigma teórico invocado por Jean Schmitz, baseado na "separação dos muçulmanos africanos do amplo mundo islâmico e na etnicização do Islã". Durante o período colonial, especialistas ocidentais - especialmente franceses - das colônias da África Ocidental elaboraram uma teoria que excluía a África do amplo mundo islâmico. Paul Marty personificou a teoria sugerindo a existência de "uma religião que se distinguia por sua adoção em massa de costumes pré-islâmicos". Como resultado, estudiosos do Islã trataram a África como um "retrocesso insignificante isolado da suposta terra-mãe islâmica"¹⁶.

A análise exposta reforça a persistência do preconceito geográfico, que transcende a mera rejeição da produção intelectual originada nesse contexto, incidindo sobre a própria identidade do indivíduo que habita e emerge desse espaço: o ser humano africano. Portanto, o debate não se restringe à valorização e ao reconhecimento da atividade intelectual desse território, mas sim à subvalorização, marginalização e periferização do sujeito que a elabora. Ao negar ou desvalorizar a produção intelectual africana antes do período colonial, a narrativa dominante contribui para a manutenção de hierarquias de poder de legitimação e para a subjugação e dependência do sujeito africano, refletindo uma dinâmica de opressão e desigualdade que perpetua a hegemonia de certos discursos e saberes em detrimento de outros. Nobili continua sua análise sobre a

Disponível em: <http://doi.org/10.25592/uhhfdm.489>. Acesso em: 10 de março de 2024.

¹⁶ Idem, p. 23.

posição dos africanistas:

A historiografia africana se opõe à historiografia colonial, escrita para apoiar as potências coloniais e negar aos povos africanos qualquer passado anterior à chegada dos colonizadores. Historiadores africanos do período pós-colonial basearam sua metodologia na tradição oral, percebida como o único método autóctone para a transmissão de conhecimento, a única fonte que pode ser invocada para encontrar a "verdadeira" história da África. A tradição oral era contraposta às fontes escritas, que se acreditava serem alheias à cultura da África Ocidental¹⁷.

Este ponto de vista, em nossa análise, padece de equívocos e anacronismos ao considerar a estaticidade da cultura e a pureza do “*homo culturalis*”, ou seja, do “africano não aculturado”, conforme defendido por Amadou Hampaté Bâ¹⁸, ao discutir a autenticidade preservada pelo “respeito à cadeia de transmissão” ou “respeito à transmissão”. Quem seria esse africano hoje não aculturado? Qual seria o método autóctone de transmissão de conhecimento que ainda prevalece, sem ser apenas uma ideia utópica construída em nossos tempos?

Nossa compreensão da tradição manuscrita na África Subsaariana reflete a posição adotada pelos especialistas da UNESCO, que reconheceram os manuscritos de Timbuktu como “uma das descobertas de manuscritos mais significativas do século XX”¹⁹. Esse reconhecimento se estende não apenas aos manuscritos já descobertos, mas também àqueles que continuam a ser encontrados, assim como aos Sona, uma arte milenar do povo Lunda Cokwe em Angola. Os Sona também foram elevados à condição de Patrimônio Cultural Imaterial da Humanidade pela UNESCO, em uma cerimônia realizada em 3 de dezembro de 2023, em Kasane, no Botswana²⁰.

3. Os Manuscritos como desafio metodológico

¹⁷ NOBILI, Mauro. Manuscript culture of West Africa. Part 1: The disqualification of a heritage. *Comparative Oriental Manuscript Studies Newsletter* 2, Università degli studi di Napoli “L’Orientale”, 21–24, (July), 2011, pp. 23-24. Disponível em: <http://doi.org/10.25592/uhhfdm.489>. Acesso em: 10 de março de 2024.

¹⁸ BÂ, Amadou Hampaté. **A Tradição Viva**. Em: KI-ZERBO, Joseph. *História Geral da África, Volume I: Metodologia e Pré-História da África*. UNESCO, 2010, p. 181.

¹⁹ Op. Cit. Goolam, p.39

²⁰ JORNAL DE ANGOLA. SONA foi elevado a patrimônio cultural imaterial da Humanidade. Disponível em: <https://www.jornaldeangola.ao/ao/noticias/sona-foi-elevado-a-patrimonio-cultural-imaterial-da-humanidade/>. Acesso em: 28.02.2024

A pesquisa sobre a tradição manuscrita na África Subsaariana enfrenta desafios metodológicos significativos, especialmente no que se refere ao levantamento da produção local em cada país africano. Por um lado, muitos desses materiais, desde o período pré-colonial até as independências, encontram-se fora do continente, em países como Europa, EUA e Ásia. Por outro, aqueles que permanecem no continente frequentemente estão dispersos em várias localidades e condições, como veremos a seguir nos acervos onde esses manuscritos estão guardados, dificultando sua catalogação, estudo e divulgação. No entanto, ao longo da pesquisa foi possível elencar fontes onde se encontram localizados alguns manuscritos, fora de África e em África, sobre os quais sentimos a necessidade de inventariar para possíveis propósitos de pesquisas posteriores, tais sejam:

A) Dos manuscritos em árabe e Ajami de Timbuktu²¹:

1. A coleção está atualmente abrigada na Biblioteca Fondo Kati em Timbuktu, com o trabalho de Hunwick sendo ainda mais incentivado por discussões com Abdul Kader Haidara, o curador da Biblioteca Memorial Mama Haidara (Bibliothèque Commémorative Mama Haidara).
2. Outras coleções relevantes incluem a Biblioteca Al-Wangari, a Biblioteca Sheik Zayni Baye e a Biblioteca Mohamed Tahar, juntamente com as coleções menores Al-Kounti e Boularaf.
3. A África do Sul também recentemente apoiou esses esforços. Em 2005, um consórcio de empresários sul-africanos decidiu financiar a construção de uma nova biblioteca e arquivo para abrigar entre 200.000 e 300.000 manuscritos antigos atualmente dispersos em cerca de vinte e quatro bibliotecas privadas em Timbuktu e arredores. Já em 2001, o Presidente Mbeki, após uma visita ao Mali, ofereceu sua assistência, e em 2003, o governo sul-africano assinou um acordo com o governo do Mali para auxiliar na conservação e preservação

²¹ GOOLAM, Nmi. The Timbuktu manuscripts: rediscovering a written source of African law in the era of the African renaissance. *Fundamina*, v. 12, n. 2, p. 31-50, 2006, pp. 39-40. Disponível em: <http://hdl.handle.net/10500/3686>. Acesso em: 5 de abril de 2024.

desses manuscritos, bem como na reconstrução do Instituto Ahmed Baba.

4. Os manuscritos são escritos em várias formas de *script* árabe. Exibições das diferentes formas de *script* árabe estão disponíveis online nos sites Manuscritos Antigos das Bibliotecas do Deserto de Timbuktu e Manuscritos Islâmicos de Mali, mantidos pela Divisão Africana e do Oriente Médio da Biblioteca do Congresso dos Estados Unidos da América. O *site* Manuscritos Islâmicos de Mali apresenta vinte e dois manuscritos da Biblioteca Mamma Haidara e da Biblioteca Sheik Zayni Baye em Timbuktu, abrangendo diversos assuntos. Imagens digitais dos manuscritos foram doadas por Abdel Kader Haidara, o proprietário e curador da biblioteca.

B) Dos manuscritos em árabe (Ajami) e kanuri e outras línguas da África central²²:

1. Arquivos Nacionais do Reino Unido: Coleção Richardson: Os Arquivos Nacionais mantêm uma série de textos em árabe (Ajami) em Kanuri, bem como em outras línguas da área central do Saara, como Tuareg, Tubu, Shuwa Arabic, Hausa, Manga, etc.
2. Reino Unido. Biblioteca da Universidade de Leeds. Coleção de Manuscritos Árabes: A biblioteca possui três manuscritos árabes magrebinos que contêm glossários em Kanembu arcaico e Hausa.
3. EUA. Universidade Northwestern. Coleções Hunwick: Possui uma coleção de Kanuri e muitos dos manuscritos têm origem na coleção do Museu de Jos (Nigéria). Esses manuscritos combinam diversos gêneros das tradições escritas de Borno, mas muitos deles ainda não foram catalogados.
4. França, Paris, Biblioteca Nacional: Um manuscrito corânico do século XVII com glossas em Kanembu arcaico.
5. A Coleção SOAS: O manuscrito corânico de Borno dos séculos XVI

²² BONDAREV, D. The Nigerian Qur'anic Manuscript Project: retrieving a unique resource on the Kanuri language and culture. *African Research and Documentation*, 5, 629. 10 Pages. SCOLMA. 2007, pp. 67-72. Acesso em: https://www.academia.edu/715695/The_Nigerian_Quranic_Manuscript_Project_retrieving_a_unique_resource_on_the_Kanuri_language_and_culture. Acesso em: 5 de abril de 2024.
 Espaço Plural • Vol.20 • Nº41 • 2ºSemestre 2024 • p.237-260 • ISSN1981-478X

ao XVIII com extensas glossas em Kanembu arcaico e comentários em árabe.

C) Dos manuscritos em Swahili e Árabe, na Costa Oriental da África²³. O *corpus* de manuscritos iluminados do Alcorão, produzidos entre aproximadamente 1750 e 1850 nas cidades-estado swahili de Pate, Siyu e Faza, na ilha de Pate, no arquipélago de Lamu (Quênia). Atualmente dispersos em coleções no Quênia, Tanzânia, Omã, Reino Unido e Estados Unidos. Atualmente, o corpus consiste em quinze manuscritos. Estes estão apresentados no apêndice. O paradeiro de onze é conhecido. Três estão em coleções na África Oriental: dois no Quênia e um na Tanzânia. Nove estão em coleções fora da África Oriental: cinco em Omã; dois no Reino Unido; e dois nos Estados Unidos.

D) Dos manuscritos em Árabe, Ajami e Swahili no Congo²⁴. Uma série de documentos em árabe e suaíli, datando das últimas décadas do século XIX e produzidos no que hoje é a República Democrática do Congo, estão armazenados em vários museus e arquivos na Bélgica. Eles consistem principalmente em cartas, listas, contratos e acordos, além de livros religiosos e amuletos. A grande maioria desses documentos não foi preservada, e apenas alguns deles ainda podem ser encontrados em diversos museus e arquivos belgas: o Museu Real da África Central (Tervuren), o Museu do Exército (Bruxelas), os Arquivos Africanos (Bruxelas) e a Biblioteca da Universidade de Liège. Eles consistem principalmente em tratados suahilis escritos em Marungu entre 1884 e 1885, cartas em árabe e suaíli e livros de orações árabes dos reinos Azande, escritos entre 1897 e 1899, cópias impressas do Alcorão, alguns livros de orações manuscritos, duas lawha (pranchas de madeira geralmente usadas para aprender o Alcorão) encontradas em Redjaf na década de 1890, dezenas de cartas e contratos em suaíli e árabe das Cataratas Stanley e Maniema escritos entre 1884 e 1893, impressos em árabe encontrados em Kasongo e Lukila em 1893, astrologia em árabe encontrada no Congo Oriental (sem data), bandeiras com inscrições em árabe e amuletos. Alguns outros documentos

²³ HIRJI, Zulfikar A. The Faza Qur'an: Three Nineteenth-Century Illuminated Manuscripts from Coastal East Africa. *Journal of Qur'anic Studies*, v. 24, n. 2, p. 21-47, 2022, p. 358. Edinburgh University Press. DOI: 10.3366/jqs.2022.0503. Disponível em: www.euppublishing.com/jqs. Acesso em: 5 de maio de 2024.

²⁴ LUFFIN, Xavier. Arabic and Swahili documents from the pre-colonial Congo and the EIC (Congo Free State, 1885-1908): Who were the scribes? [online]. *ResearchGate*, September 2017, pp. 279-280. Disponível em: <https://www.researchgate.net>. Acesso: 4 de março de 2024.

provenientes do Congo também estão localizados nos arquivos do Ministério das Relações Exteriores, em Londres, bem como nos arquivos coloniais franceses.

E) Dos manuscritos em Swahili em Angola (São Salvador): de acordo com Holman Bentley “nossos estudos iniciais sobre o idioma não tinham praticamente nada à disposição para nos auxiliar. O ‘Manual de suaíli’ do Bispo Steere foi a obra mais útil que tínhamos”²⁵. O padre Bernardo Maria de Canneccattim, autor da *Gramática de Bunda* (1804), afirma que o acima mencionado foi “a primeira obra impressa na língua Congo”²⁶

A partir do exposto, é possível compreender os desafios metodológicos mencionados anteriormente, os quais, em nossa visão, devem mobilizar não apenas pesquisadores, mas também governos e agências dedicadas à coleta, preservação, edição, tradução, estudo e todas as demais atividades que contribuam para conferir à herança da história intelectual da África o destino merecido, que tememos ainda não ter alcançado. Mais que isso, outro obstáculo significativo é o estudo das línguas nas quais esses manuscritos foram escritos, demandando edição, tradução e interpretação, frequentemente de línguas pouco documentadas. A falta de investimento contribui para a negligência e marginalização dessa herança da história intelectual desses povos.

Além disso, enfrentamos o desafio de abordar esses artefatos de maneira que respeite e preserve suas funções originais e contextos culturais. Isso evita a imposição de interpretações anacrônicas ou vieses epistêmicos hegemônicos monocêntricos e monoculturais, que podem causar danos significativos à historiografia africana, já fragilizada e em processo de reconstrução após anos de colonização e desvio de grande parte de seus acervos histórico-culturais para outros países. Note que há inclusive a dificuldade que enfrentamos ao reunir os dados apresentados, não apenas devido à dispersão das informações, mas também à complexidade na aquisição de material que aborde o assunto e que nos permita ampliar significativamente o conhecimento sobre a tradição manuscrita, inclusive em países como Angola e Congo. Surpreendeu-nos encontrar referências,

²⁵ BENTLEY, W. Holman. *Dictionary and grammar of the Kongo language, as spoken at San Salvador, the ancient capital of the old Kongo empire, West Africa*. London: Baptist Missionary Society et al., 1886, p. ix. Disponível em: <https://www.loc.gov/item/44017616/>. Acesso em: 18 de abril de 2024.

²⁶ Ibidem

por exemplo, como ao primeiro manuscrito utilizado pelos missionários, o livro de Swahili, e à primeira gramática em Kikongo.

Se anteriormente era difícil falar sobre uma tradição manuscrita na África, hoje o desafio é metodológico no sentido de sistematizar o processo dessas pesquisas e enfrentar outros desafios apresentados anteriormente, como o estudo das línguas. Por isso, a seção seguinte atenderá ao objetivo de apresentar, para os 54 países, com foco na África Subsaariana, a validação da existência de manuscritos e de sua tradição antes da colonização europeia, ou a dúvida sobre essa existência, representada aqui pelo símbolo "ㄣ?" (lê-se "existencial interrogativo"), expressando a incerteza quanto à existência de alguma tradição manuscrita que satisfaça esse desiderato.

5. Uma radiografia da tradição manuscrita em África

Com o propósito de mapear a presença da tradição manuscrita em África, com foco na região ao sul do Saara, os dados meticulosamente coletados e organizados em tabelas por regiões – abrangendo desde a África do Norte, Ocidental, Central, Oriental e Austral, incluindo os 54 países correspondentes – podem contribuir para uma compreensão mais profunda dessa geografia. Destacamos, principalmente, a importância da tradição manuscrita, tanto em termos quantitativos quanto qualitativos, considerando aspectos como sua localização, preservação e utilização. Nesse contexto, para o período em análise, reconhecemos a existência de manuscritos em língua árabe, bem como manuscritos em línguas nativas, como Ge'ez, Kishahili, Hausa, Fula(ni), Fulfulde, Marding (Mandenkan, Bambara, Dyula, Mandinka), Wolof, Asante (Akan), Songay, diferentes tipologias da escrita nativas denominadas de Ajami, Swahili e outras literaturas africanas.

A ausência de dados em determinadas áreas do continente, representada aqui pelo símbolo "ㄣ?" nos respectivos espaços nas tabelas, evidencia a escassez de informações sobre a existência desses manuscritos, o que nos leva a ser cautelosos ao tirar conclusões diante dessa lacuna de conhecimento. Para o preenchimento da tabela 1 conferir as seguintes referências:

Tabela 1. África do Norte²⁷

País	Capital	Início da Colonização	Ano da Independência	Manuscritos Significativos	Manuscritos Nativos
Argélia	Argel	1830 (França)	1962	Sim	Sim
Egito	Cairo	-	1922	Sim	Sim
Líbia	Trípoli	1911 (Itália)	1951	Sim	Sim
Marrocos	Rabat	1912 (França)	1956	Sim	Sim
Tunísia	Tunes	1881 (França)	1956	Sim	Sim

Fonte: Autores.

Tabela 2. África Ocidental²⁸

²⁷ Cfr. MAFUNDIKWA, S. *Afrikan Alphabets: The story of writing in Afrika*. University of Michigan, Mark Batty Publisher, 2004; GOOLAM, Nmi. The Timbuktu manuscripts: rediscovering a written source of African law in the era of the African renaissance. *Fundamina*, v. 12, n. 2, p. 31-50, 2006. Disponível em: <http://hdl.handle.net/10500/3686>. Acesso em: 5 de abril de 2024; MUMIN, Meikal; VERSTEEGH, Kees (Eds.). *The Arabic script in Africa: studies in the use of a writing system*. Leiden, The Netherlands: Koninklijke Brill NV, 2014.

²⁸ LIBRARY OF CONGRESS. African Section; CONOVER, Helen F. *Africa south of the Sahara: a selected, annotated list of writings*. Washington: General Reference and Bibliography Division, Reference Dept., Library of Congress, 1964. Disponível em: <https://www.loc.gov/item/63060087/>. Acesso em: 13 de abril de 2024; BONDAREV, D. The Nigerian Qur'anic Manuscript Project: retrieving a unique resource on the Kanuri language and culture. *African Research and Documentation*, 5, 629. 10 Pages. SCOLMA. 2007. Acesso em: https://www.academia.edu/715695/The_Nigerian_Quranic_Manuscript_Project_retrieving_a_unique_resource_on_the_Kanuri_language_and_culture. Acesso em: 5 de abril de 2024; HUNWICK, John O. (Ed.). *Arabic Literature of Africa: Volume IV. The Writings of Western Sudanic Africa*. Leiden, Boston: Brill, 2003; NOBILI, Mauro. (2011). Manuscript culture of West Africa. Part 1: The disqualification of a heritage. *Comparative Oriental Manuscript Studies Newsletter*, 2(July), 21–24. Disponível em: <http://doi.org/10.25592/uhhfdm.489>. Acesso em: 10 de março de 2024. NOBILI, Mauro. *Manuscript Culture of West Africa*. CSMC: Universität Hamburg. Disponível em: <https://www.csmc.uni-hamburg.de/files/articles>. Acesso em: 17 de março de 2024; NGOM, Fallou; RODIMATAYLOR, Daivi; ROBINSON, David. 'Ajamī Literacies of Africa: The Hausa, Fula, Mandinka, and Wolof Traditions. *Islamic Africa*, [s.l.], v. 14, n. 2, p. 119–143, 2023. DOI: <https://doi.org/10.1163/21540993-20230002>. Disponível em: <https://doi.org/10.1163/21540993-20230002>. Acesso em: 5 de abril de 2024; GOOLAM, Nmi. The Timbuktu manuscripts: rediscovering a written source of African law in the era of the African renaissance. *Fundamina*, v. 12, n. 2, p. 31-50, 2006. Disponível em: <http://hdl.handle.net/10500/3686>. Acesso em: 5 de abril de 2024; MUMIN, Meikal; VERSTEEGH, Kees (Eds.). *The Arabic script in Africa: studies in the use of a writing system*. Leiden, The Netherlands: Koninklijke Brill NV, 2014.

País	Capital	Início da Colonização	Ano da Independência	Manuscritos Significativos	Manuscritos Nativos
Benin/Daomé	Porto Novo	1892 (França)	1960	Sim	Sim
Cabo Verde	Praia	1462 (Portugal)	1975	"E?"	"E?"
Costa do Marfim	Yamoussoukro	1843 (França)	1960	Sim	Sim
Gâmbia	Banjul	1888 (Reino Unido)	1965	Sim	Sim
Gana	Acra	1874 (Reino Unido)	1957	Sim	Sim
Guiné	Conacri	1898 (França)	1958	Sim	Sim
Guiné-Bissau	Bissau	1446 (Portugal)	1973	Sim	Sim
Libéria	Monróvia	1822 (EUA)	1847	"E?"	Sim
Mali	Bamako	1883 (França)	1960	Sim	Sim
Mauritânia	Nouakchott	1903 (França)	1960	Sim	Sim
Níger	Niamey	1922 (França)	1960	Sim	Sim
Nigéria	Abuja	1861 (Reino Unido)	1960	Sim	Sim
Senegal	Dakar	1677 (França)	1960	Sim	Sim
Serra Leoa	Freetown	1787 (Reino Unido)	1961	Sim	Sim
Togo	Lomé	1884 (Alemanha)	1960	Sim	Sim

Fonte: Autores.

Tabela 3. África Central²⁹

País	Capital	Início da Colonização	Ano da Independência	Manuscritos Significativos	Manuscritos Nativos
Camarões	Yaoundé	1884 (Alemanha)	1960	Sim	Sim
República Centro-Africana	Bangui	1889 (França)	1960	"E?"	Sim
Chade	N'Djamena	1900 (França)	1960	Sim	Sim
República do Congo	Brazzaville	1880 (França)	1960	"E?"	Sim
República Democrática do Congo	Kinshasa	1885 (Bélgica)	1960	Sim	Sim
Guiné Equatorial	Malabo	1778 (Espanha)	1968	"E?"	Sim
Gabão	Libreville	1839 (França)	1960	"E?"	Sim

Fonte: Autores.

²⁹ Cfr. Op.Cit. HUNWICK, J.O.; O'FAHEY, R.S. (1995); MUMIN, Meikal; VERSTEEGH, Kees (2014); NOBILI, Mauro. (2011; 2012); BONDAREV, D. (2007); LUFFIN, Xavier (2017); MAFUNDIKWA, S (2004); NGOM; RODIMA-TAYLOR; ROBINSON (2023); LIBRARY OF CONGRESS; CONOVER (1964). Espaço Plural • Vol.20 • Nº41 • 2ºSemestre 2024 • p.237-260 • ISSN1981-478X

Tabela 4. África Oriental³⁰

País	Capital	Início da Colonização	Ano da Independência	Manuscritos Significativos	Manuscritos Nativos
Burundi	Gitega	1890 (Alemanha)	1962	"E?"	Sim
Comores	Moroni	1841 (França)	1975	"E?"	Sim
Djibouti	Djibouti	1888 (França)	1977	"E?"	Sim
Eritreia	Asmara	1890 (Itália)	1993	Sim	Sim
Etiópia	Addis Abeba	-	1941 ¹	Sim	Sim
Quênia	Nairóbi	1895 (Reino Unido)	1963	Sim	Sim
Madagascar	Antananarivo	1896 (França)	1960	Sim	Sim
Malawi	Lilongwe	1891 (Reino Unido)	1964	Sim	Sim
Maurícia	Port Louis	1715 (França)	1968	"E?"	"E?"
Moçambique	Maputo	1505 (Portugal)	1975	Sim	Sim
Ruanda	Kigali	1884 (Alemanha)	1962	"E?"	Sim
Seychelles	Victoria	1756 (França)	1976	"E?"	"E?"
Somália	Mogadíscio	1889 (Itália)	1960	Sim	Sim
Tanzânia	Dar-el-Salam	1885 (Alemanha)	1961	Sim	Sim
Uganda	Kampala	1894 (Reino Unido)	1962	"E?"	Sim

Fonte: Autores.

³⁰ Cfr. Op.Cit. O'FAHEY, R. S.; HUNWICK, J. O.; ABU SALIM, M. I (1993); MUMIN, Meikal; VERSTEEGH, Kees (2014); Hirji, Zulfikar (2022, 2023); MAFUNDIKWA, S (2004); BAUSI, Alessandro (2014); LIBRARY OF CONGRESS; CONOVER (1964).

Tabela 5. África Austral³¹

País	Capital	Início da Colonização	Ano da Independência	Manuscritos Significativos	Manuscritos Nativos
Angola	Luanda	1575 (Portugal)	1975	"E?"	Sim
Maláui	Lilongwe	1891 (Reino Unido)	1964	"E?"	Sim
Namíbia	Windhoek	1884 (Alemanha)	1990	"E?"	Sim
África do Sul	Pretória/Cidade do Cabo	1652 (Holanda)	1910	Sim	Sim
Sudão	Cartum	1821 (Egito)	1956	Sim	Sim
Sudão do Sul	Juba	1899 (Reino Unido)	2011	Sim	Sim
Zâmbia	Lusaka	1889 (Reino Unido)	1964	"E?"	Sim
Zimbábue	Harare	1890 (Reino Unido)	1980	"E?"	Sim

Fonte: Autores.

A análise dos resultados coletados revela uma série de desafios e complexidades na compreensão da tradição manuscrita na África, especialmente na África Subsaariana. As fontes consultadas, predominantemente em inglês, refletem a dificuldade em mapear essa tradição devido à natureza aberta e em desenvolvimento das discussões epistemológicas sobre manuscritos africanos.

Um dos desafios encontrados diz respeito à limitação conceitual e geográfica da pesquisa. Por exemplo, os estudos sobre manuscritos árabes na África muitas vezes são enquadrados nos Estudos Orientalistas, o que pode obscurecer a compreensão da diversidade e da importância dos manuscritos africanos em seus próprios termos. Esta questão é agravada pela falta de consenso sobre quais

³¹ Cfr. Op.Cit. MUMIN, Meikal; VERSTEEGH, Kees (2014); MAFUNDIKWA, S (2004); BENTLEY (1886); Hirji, Zulfikar (2022, 2023); LIBRARY OF CONGRESS; CONOVER (1964).
Espaço Plural • Vol.20 • Nº41 • 2ºSemestre 2024 • p.237-260 • ISSN1981-478X

materiais devem ser considerados como parte da tradição manuscrita africana. Enquanto algumas fontes se concentram em papiros, pergaminhos e papéis, outras destacam o uso de materiais mais diversos, como peles de animais, madeira, bambu e até mesmo a escrita na areia ou em ossos. A exclusão desses materiais poderia resultar na perda de importantes fontes de conhecimento transmitidas ao longo de milênios na África.

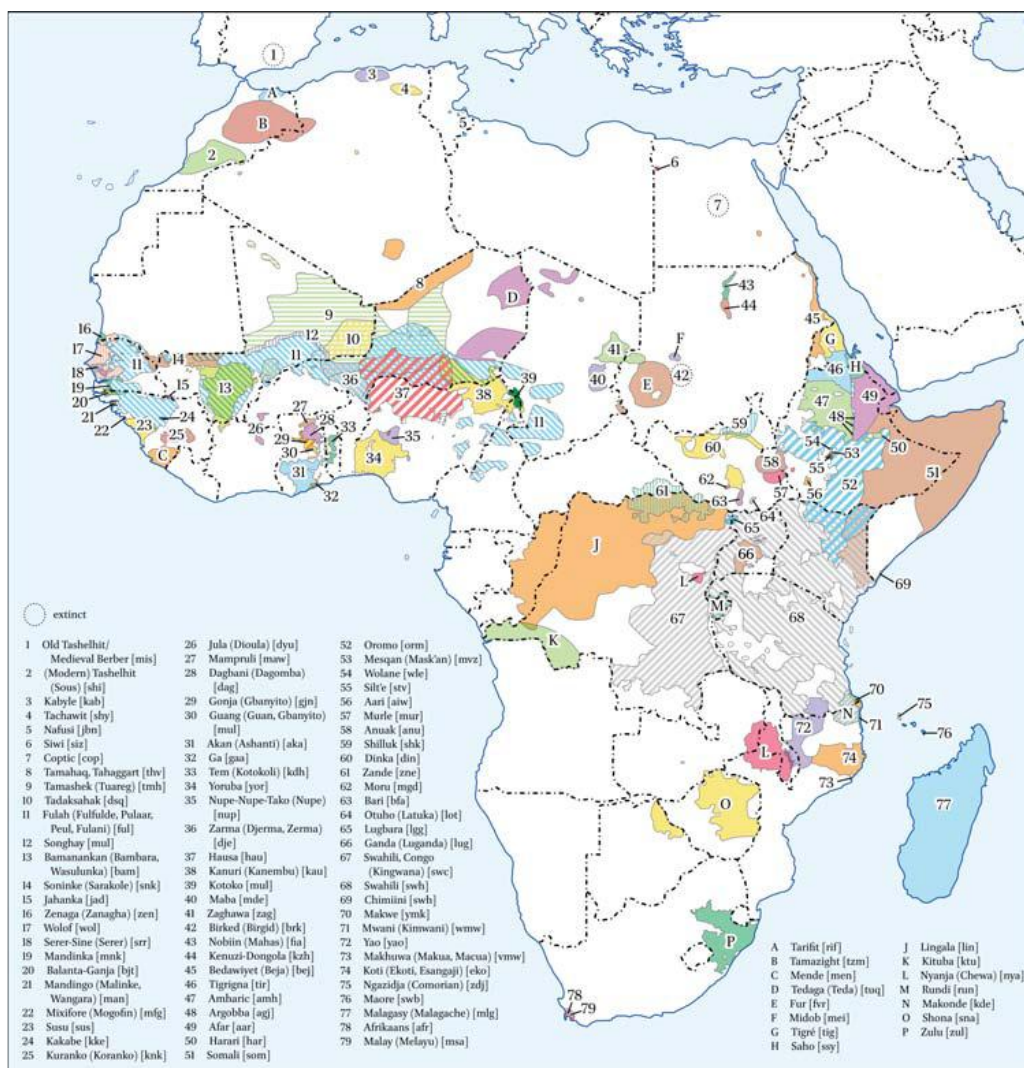
Além disso, a questão da geografia histórica também é crucial para entender a tradição manuscrita africana. Antes das divisões políticas e administrativas modernas, os territórios não se alinhavam necessariamente com as fronteiras dos países contemporâneos. Por exemplo, áreas agora conhecidas como África Austral eram anteriormente consideradas parte da África Ocidental. Isso significa que os materiais da tradição manuscrita podem abranger uma gama de territórios que não correspondem diretamente aos estados-nação atuais.

A narrativa geográfica também pode ser problemática devido a concepções errôneas e preconceitos históricos. Por exemplo, a noção de que a África do Norte é mais “evoluída” em termos de tradição manuscrita devido à sua proximidade com o Ocidente é desafiada pela evidência de que muitos dos manuscritos de Marrocos foram, na verdade, originados em lugares como Timbuktu³². Isso indica a necessidade de uma abordagem crítica e cuidadosa ao usar narrativas geográficas na análise da tradição manuscrita africana.

Em suma, a pesquisa sobre a tradição manuscrita em África continua sendo uma tarefa complexa e desafiadora para os pesquisadores. O estado atual da arte está em constante evolução, e reunir fontes confiáveis e representativas é essencial para um entendimento mais completo e preciso dessa tradição. As fontes consultadas e mencionados acima, incluindo o trabalho de Bentley, Hunwick, Luffin, Mafundikwa, Mumin e Versteegh, Nobili, Hirji, Goolam e Bondarev, foram fundamentais para preencher as lacunas nesta pesquisa e fornecer uma visão mais abrangente da tradição manuscrita africana. E para se ter uma ideia parcial da complexidade da pesquisa em relação ao idioma árabe, considere no mapa (figura 1) os idiomas em África para os quais o uso do alfabeto árabe é atestado ou

³² HUNWICK, John O. *Timbuktu and the Songhay Empire: Al-Sa'di's Ta'rikh al-Sudan down to 1613, and other contemporary documents*. Leiden, Boston: Brill, 2003.

possível.



Fonte: Mumin e Versteegh (2014, p.45) Mapa 1: Idiomas em África para os quais o uso do alfabeto

árabe é atestado ou possível.

Considerações finais

A tradição manuscrita na África Subsaariana representa um tesouro cultural digno de reconhecimento e preservação. Este artigo procurou enfatizar sua importância ao longo do tempo, desde os períodos pré-coloniais até as independências, revelando uma riqueza intelectual e cultural documentada em diversas coleções. Entretanto, também identificamos os desafios significativos enfrentados pelos pesquisadores dedicados ao estudo dessa tradição. A dispersão dos manuscritos, a diversidade linguística e os recursos limitados para a

Espaço Plural • Vol.20 • Nº41 • 2ºSemestre 2024 • p.237-260 • ISSN1981-478X

preservação e tradução são apenas algumas das barreiras que dificultam uma compreensão abrangente.

Apesar desses obstáculos, é imperativo reconhecer e valorizar a diversidade e complexidade da tradição manuscrita na África Subsaariana. Ela não apenas proporciona uma compreensão profunda e única sobre a história, cultura e do continente, mas também desafia as narrativas predominantes sobre a escrita e o conhecimento no mundo. Para avançar nesse campo de estudo, são necessários esforços colaborativos entre pesquisadores, instituições culturais e governamentais, visando à preservação, tradução e acesso a esses preciosos materiais. Somente assim poderemos garantir que a tradição manuscrita da África Subsaariana seja devidamente valorizada e compreendida, enriquecendo nosso conhecimento do passado e do presente do continente.

Ademais, há que se reconhecer ainda, por um lado, que não se trata de continente marcado pela oralidade e agraphia, mas por uma longa tradição escrita que se estende do século XIII ao XX a considerar apenas os Manuscritos de Timbuktu. Por outro, formar um *background* amplo e suficiente para as pesquisas sobre o pensamento e a cultura africana supõe, no mínimo, o reconhecimento da sua tradição manuscrita. Finalmente, sem investimento e sem pesquisa nas fontes primárias, dificilmente, compreenderemos o alcance da herança histórica, cultural e filosófica do continente africano. E isso é, no mínimo, fundamental para evitar mistificações e visões ufanistas desprovidas de justa e ampla pesquisa histórica.

Referências

- BÂ, Amadou Hampaté. A Tradição Viva. In: KI-ZERBO, Joseph. *História Geral da África, Volume I: Metodologia e Pré-História da África*. UNESCO, 2010
- BAUSI, Alessandro. Writing, copying, translating: Ethiopia as a manuscript culture. In: QUENZER, Jörg; BONDAREV, Dmitry; SOBISCH, Jan-Ulrich (Eds.). *Manuscript cultures: mapping the field*. Berlin, München, Boston: De Gruyter, 2014. p. 37-78. Disponível em: <https://doi.org/10.1515/9783110225631.37>. Acesso em: 11 de abril de 2024.
- BENTLEY, W. Holman. *Dictionary and grammar of the Kongo language, as spoken* Espaço Plural • Vol.20 • Nº41 • 2ºSemestre 2024 • p.237-260 • ISSN1981-478X

at San Salvador, the ancient capital of the old Kongo empire, West Africa. London: Baptist Missionary Society et al., 1886. Disponível em: <https://www.loc.gov/item/44017616/>. Acesso em: 18 de abril de 2024.

BONDAREV, D. The Nigerian Qur'anic Manuscript Project: retrieving a unique resource on the Kanuri language and culture. *African Research and Documentation*, 5, 629 Views, 10 Pages. Publicado pela SCOLMA. 2007. Obtido de [https://www.academia.edu/715695/The Nigerian Quranic Manuscript Project retrieving a unique resource on the Kanuri language and culture](https://www.academia.edu/715695/The_Nigerian_Quranic_Manuscript_Project_retrieving_a_unique_resource_on_the_Kanuri_language_and_culture). Acesso em: 5 de abril de 2024.

CSMC - Centre for the Study of Manuscript Cultures. *Manuscript Culture of West Africa*. Disponível em: <https://www.csmc.uni-hamburg.de/files/articles>. Acesso em: 11 de março de 2024.

DIRINGER, David. *The Book Before Printing: Ancient, Medieval and Oriental*. Edição Dover, 1982.

GOOGLE ARTS & CULTURE. *Mali Heritage*. Disponível em: <https://artsandculture.google.com/project/mali-heritage>. Acesso em: 01 de abril de 2024.

GOOLAM, Nmi. The Timbuktu manuscripts: rediscovering a written source of African law in the era of the African renaissance. *Fundamina*, v. 12, n. 2, p. 31-50, 2006. Disponível em: <http://hdl.handle.net/10500/3686>. Acesso em: 5 de abril de 2024.

GRIB, Anastasia. The Symbolic Repertoire of the Qur'anic Board in Islamic Africa. In: *Understanding Material Text Cultures*. De Gruyter, 2017. Disponível em: <https://www.degruyter.com/document/doi/html>. Acesso em: 8 de abril de 2024.

HEGEL, Georg Wilhelm Friedrich. *The Philosophy of History*. Prefácios por Charles Hegel e o tradutor J. Sibree, M.A. Kitchener: [s.n.], 2001.

HIRJI, Zulfikar A. The Faza Qur'an: Three Nineteenth-Century Illuminated Manuscripts from Coastal East Africa. *Journal of Qur'anic Studies*, v. 24, n. 2, p. 21-47, 2022. Edinburgh University Press. DOI: 10.3366/jqs.2022.0503. Disponível em: www.euppublishing.com/jqs. Acesso em: 5 de maio de 2024.

HIRJI, Zulfikar. A Corpus of Illuminated Qur'āns from Coastal East Africa. York Espaço Plural • Vol.20 • Nº41 • 2ºSemestre 2024 • p.237-260 • ISSN1981-478X

- University, Toronto, Canada. E-mail: zhirji@yorku.ca. ORCID: 0000-0001-5047-8860. Received October 30, 2022. Accepted October 31, 2022.
- HUNWICK, J.O.; O'FAHEY, R.S. (eds.). *Arabic literature of Africa*. v. 1. The writings of eastern Sudanic Africa to c. 1900. Leiden: E.J. Brill, 1994.
- HUNWICK, J.O.; O'FAHEY, R.S. (eds.). *Arabic literature of Africa: Volume II: The Writings of Central Sudanic Africa*. Leiden: E.J. Brill, 1995.
- HUNWICK, John O. (Ed.). *Arabic Literature of Africa: Volume IV. The Writings of Western Sudanic Africa*. Leiden, Boston: Brill, 2003.
- HUNWICK, John O. *Timbuktu and the Songhay Empire: Al-Sa'di's Ta'rikh al-Sudan down to 1613, and other contemporary documents*. Leiden, Boston: Brill, 2003.
- JORNAL DE ANGOLA. SONA foi elevado a patrimônio cultural imaterial da Humanidade. Disponível em: <https://www.jornaldeangola.ao/ao/noticias/sona-foi-elevado-a-patrimonio-cultural-imaterial-da-humanidade/>. Acesso em: 28.02.2024
- KANE, Ousmane Oumar. *Beyond Timbuktu: An Intellectual History of Muslim West Africa*. Cambridge, Massachusetts; London, England: Harvard University Press, 2016.
- KI-ZERBO, Joseph (ed.). *História geral da África, I: Metodologia e pré-história da África*. 2. ed. rev. Brasília: UNESCO, 2010. 992 p. ISBN: 978-85-7652-123-5.
- LIBRARY OF CONGRESS. African Section; CONOVER, Helen F. *Africa south of the Sahara: a selected, annotated list of writings*. Washington: General Reference and Bibliography Division, Reference Dept., Library of Congress, 1964. Disponível em: <https://www.loc.gov/item/63060087/>. Acesso em: 13 de abril de 2024.
- LUFFIN, Xavier. Arabic and Swahili documents from the pre-colonial Congo and the EIC (Congo Free State, 1885-1908): Who were the scribes? [online]. *ResearchGate*, September 2017. Disponível em: <https://www.researchgate.net>. Acesso: 4 de março de 2024.
- MAFUNDIKWA, S. *Afrikan Alphabets: The story of writing in Afrika*. University of Michigan, Mark Batty Publisher, 2004.
- MUMIN, Meikal; VERSTEEGH, Kees (Eds.). *The Arabic script in Africa: studies in the use of a writing system*. Leiden, The Netherlands: Koninklijke Brill NV, 2010.
- Espaço Plural • Vol.20 • Nº41 • 2ºSemestre 2024 • p.237-260 • ISSN1981-478X

2014.

NGOM, Fallou; RODIMA-TAYLOR, Daivi; ROBINSON, David. 'Ajamī Literacies of Africa: The Hausa, Fula, Mandinka, and Wolof Traditions. *Islamic Africa*, [s.l.], v. 14, n. 2, p. 119–143, 2023. DOI: <https://doi.org/10.1163/21540993-20230002>. Disponível em: <https://doi.org/10.1163/21540993-20230002>. Acesso em: 5 de abril de 2024.

NIANE, Djibril Tamsir (Ed.). *História geral da África, IV: África do século XII ao XVI*. 2. ed. rev. Brasília: UNESCO, 2010. 896 p. ISBN: 978-85-7652-126-6.

NOBILI, Mauro. (2011). Manuscript culture of West Africa. Part 1: The disqualification of a heritage. *Comparative Oriental Manuscript Studies Newsletter*, 2(July), 21–24. Disponível em: <http://doi.org/10.25592/uhhfdm.489>. Acesso em: 10 de março de 2024.

NOBILI, Mauro. *Manuscript Culture of West Africa*. CSMC: Universität Hamburg. Disponível em: <https://www.csmc.uni-hamburg.de/files/articles>. Acesso em: 17 de março de 2024.

O'FAHEY, R. S.; HUNWICK, J. O.; ABU SALIM, M. I. (colab.). *Arabic literature of Africa: The writings of eastern Sudanic Africa to c. 1900*. Vol. 1. Leiden: Brill, 1993.

PUBLIC BROADCASTING SERVICE (PBS). *Wonders of the World*. Disponível em: <https://www.pbs.org/wonders/index.html>. Acesso em: 5 de março de 2024.

Recebido em 06 de junho de 2024

Aprovado em 09 de setembro de 2024